

CRIANÇA, ESCRITA E LÍNGUA NA CLÍNICA DE LINGUAGEM

Lourdes Andrade – Derdic/PUC-SP

Proponho, nesta apresentação, discutir questões relacionadas à relação criança-escrita a partir de produções de crianças que chegam à Clínica de Linguagem por terem tropeçado em seu processo de aquisição da escrita. A exploração dessas “produções desviantes” estará assentada numa perspectiva centrada no reconhecimento do jogo significativo que instaura e governa a relação da criança com a escrita. A implicação do *mobilidade significante* nesta discussão marca a posição teórica assumida: uma posição alinhada a uma leitura particular de Saussure, que considera a articulação tensa entre funcionamento da língua na fala/escrita e que dá lugar a uma reflexão sobre o sujeito, implicando a hipótese do inconsciente. Procurarei, em linhas gerais, reconhecer, nos movimentos e impasses da relação criança-linguagem, o funcionamento da língua conforme proposto por Saussure (1916) e o modo de incidência do sujeito na língua.

Chamarei atenção, em particular, para o fato de que a incidência do sujeito na língua assume contornos bastante particulares (e não simetrizáveis) quando o que está em causa é a oralidade ou a escrita e mesmo em diferentes situações de produção da escrita. Esse fato exige uma reflexão que implique uma discussão acerca de diferentes posições subjetivas na relação com a língua, discussão essa que deverá, neste trabalho, ser conduzida em diálogo com o Interacionismo, conforme proposto por De Lemos, em sua aproximação à Psicanálise, e no interior da reflexão desenvolvida no Projeto CNPq *Aquisição, patologias e clínica de linguagem*, coordenado por Lier-DeVitto na PUC-SP.

O percurso da criança na direção de tornar-se um leitor/escritor em sua língua – por não tratar-se de um processo de aprendizagem de uma técnica - é marcado pelo modo singular com que cada uma delas se situa no complexo jogo de relações entre posições subjetivas e funcionamento da linguagem. Tal perspectiva permitirá apreender, nos materiais clínicos a serem apresentados, movimentos que produzem cruzamentos, rearranjos e traçados insólitos que, em sua singularidade radical, tecem uma trama complexa e equivocizante, própria de uma *articulação significante*, cujos efeitos são múltiplos e imprevisíveis porque a mobilidade estrutural não é indiferente às contingências em que uma fala (escrita) é produzida. Ou seja: posição subjetiva, endereçamento e escuta afetam a mobilidade estrutural. Há, nesse sentido, tensão insuperável entre necessidade e contingência, entre linguagem e falante. Tensão que será, nesse enquadre teórico, trabalhada como mecanismo disparador de considerações sobre a relação fala-escrita e escuta no contexto particular da Clínica de Linguagem.

Para o desenvolvimento dessa discussão, é imprescindível assinalar, mais uma vez e já de início, meu distanciamento da idéia de que a relação entre fala e escrita seja de representação. Esse assinalamento importa, uma vez que, em práticas clínicas voltadas para os ditos “distúrbios de leitura e escrita”, assume-se muito frequentemente que a *escrita é representação gráfica da pauta sonora* da fala. Com o objetivo de colocar em relevo os deslocamentos interpretativos possibilitados pelo distanciamento de uma posição dessa natureza no tratamento de materiais de crianças com dificuldades de leitura e escrita, apresento e discuto, a seguir, fragmentos de sessões clínicas, envolvendo leitura e escrita de um paciente. Trata-se de um menino que chegou à clínica aos 13 anos, encaminhado pela psicopedagoga da equipe que o atendia, com a queixa de que “*não sabia ler, nem escrever*”.

Trago, inicialmente, um episódio relativo à atividade de leitura e já discutido em trabalho anterior (Lier –DeVitto & Andrade, 2008). A meu pedido, o menino começa a ler um texto em voz alta. Sua leitura poderia ser caracterizada como uma “leitura de decodificação”, já que conduzida na forma de uma sucessão de vocalizações de pedaços do texto que ora correspondiam a sílabas, ora a fonemas.

Essa “leitura” inviabilizava qualquer possibilidade de interpretação – nem o clínico, nem o próprio menino podiam reconhecer ali a presença de um leitor. Isso, no entanto, não impedia que este menino continuasse a “ler”, o menino respondia à proposta de leitura sob a

forma desse exercício vão que criava uma **imagem** de leitor. Isto, no entanto, muda, quando o menino depara-se com a palavra “*aeroporto*”, inserido num texto escrito pela terapeuta. Ele hesita e lê:

ar / aéreo / aro / a –r-ra

Essa fragmentação da palavra aeroporto traz algo inusitado: a segmentação está restringida aí por leis de composição morfológica. Note-se que os três primeiros segmentos correspondem a palavras da língua. Nesse desencadeamento de *articulações significantes inesperadas mas regradas*, observa-se uma reverberação sonora na instauração de diferenças morfológicas - *ar* vira *aéreo*, que vira *aro*...

Em seguida, ele pede ajuda à terapeuta, perguntando “*como se lê aquela palavra*”. Eu digo: “*Num sabe? ... chuta, inventa*”. O menino, autorizado a sustentar posição na leitura, suspende, momentânea e surpreendentemente, a relação paralisada com a escrita, e faz outra pergunta: “*Pode ser ‘saguão’?*”

Há aqui que se falar em “operações da linguagem”. Note-se que *aeroporto* é palavra que irrompe como um significante porque está inserida na grade de relações que desencadeia - não apenas aquelas com as quais compartilha os mesmos elementos sonoros (ar / aéreo / aro), como também aquela de natureza textual que articula *aeroporto* e *saguão*. Vimos, neste segmento, a Língua em operação na fala/escrita de *um* falante no instante em que um significante irrompe e captura o leitor. Vale lembrar que, para este menino, “*aeroporto*” foi o primeiro segmento a promover, em situação de atendimento, uma leitura diferente daquela cadência truncada, de decodificação “letra a letra” (entre aspas, porque é exatamente quando este movimento segmento a segmento, sustentado por uma relação imaginária som-traçado submerge é que a sequência alfabética pode ganhar o valor de letra, de significante, e, então, prestar-se a uma combinatória). Pode-se dizer que esse movimento indica uma retificação de *posição subjetiva* frente ao escrito, como atestam a hesitação e a pergunta dirigida à terapeuta. Sobre isso, cabe esclarecer que a palavra *aeroporto* não era qualquer para esse menino: *aeroporto* condensa vivências nada indiferentes para ele – e ele pôde reconhecê-la porque nela se reconheceu, como se pode inferir a partir de sua fala - poderíamos dizer que a fala “*saguão*” traz a “escuta da escrita”.

Nesse instante de captura pelo significante, o menino hesita. *Aeroporto* marca um deslocamento subjetivo que é índice do abalo na relação anterior de representação cristalizada entre imagens gráficas e sonoras. Como nos indica Gérard Pommier, ao contrário do que usualmente se pensa, a escrita alfabética exige suspensão do valor icônico (da imagem) e do valor sonoro dos grafemas isolados. Vale lembrar, a esse respeito, a afirmação do autor de que:

A leitura roda sobre si mesma graças à repressão sucessiva do que se vê e do que se ouve, de modo que um vocábulo escrito não se resume nunca à sua fonética e nem tampouco à sua imagem. O pictórico e o sonoro rodam um sobre o outro graças a uma falta única, aquela na qual o leitor pode se reconhecer. [...] O som não compreende a imagem, e a imagem não compreende o som. Sem dúvida, é só pelo lado do que falta a cada uma das consistências sonora e visual, que estas se associam e podem ser lidas. (POMMIER, 1993/96, pp 289-90).

Note-se que o autor fala numa leitura que **roda sobre si mesma** e, ainda, que o pictórico e o sonoro **rodam um sobre o outro** - imagem que não poderia ser mais adequada para assinalar que trata-se, aí, não de uma relação de representação mas, sim, de um movimento reflexivo que envolve duas matérias – a sonora e a visual. Movimento esse, podemos acrescentar, que só pode lograr esse espelhamento de matérias heterogêneas porque regido por um mesmo funcionamento – o funcionamento da linguagem.

É exatamente essa mesma questão da necessidade do recalque do pictórico para que a letra possa adquirir estatuto de significante que será discutida também nos episódios seguintes, desta vez envolvendo a escrita produzida por esse mesmo menino.

Começo apresentando algumas produções realizadas no início do atendimento, quando a escrita produzida resumia-se, quase que exclusivamente, a: sequências com as letras do alfabeto,

série de palavras (sempre as mesmas) que se apresentavam como um bloco cristalizado, como uma unidade fixa e limitada por uma moldura (figura 1) e traçados em que desenho e escrita se interpenetram / não se diferenciam (figura 2)

FIGURA 1

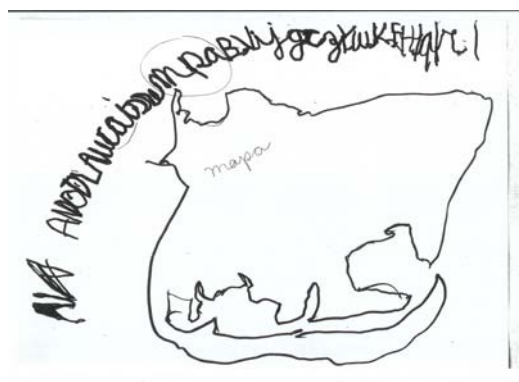


FIGURA 2



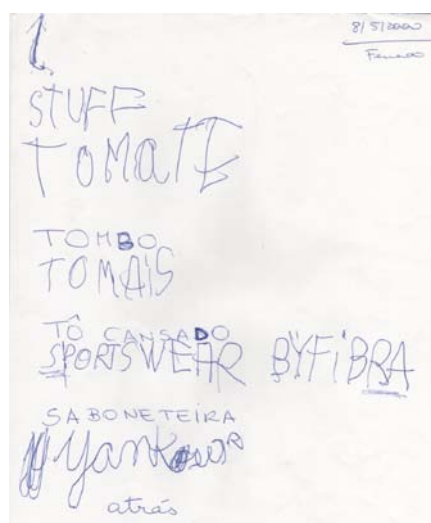
As mudanças, em direção à escrita alfabética, na produção deste menino, começam pela separação – primeiramente gráfica - entre desenho e traçado de letras. É, no entanto, somente a partir da intervenção clínica – das interpretações e assinalamentos da terapeuta sobre as produções gráficas desse menino - que vemos um movimento que vai da segmentação gráfica para a instauração de uma diferenciação em que as sequências de letras produzidas são submetidas a uma desmontagem de sua imagem e ganham caráter significativo. Esse movimento pode ser apreendido nas figuras 3 e 4, abaixo.

FIGURA 3



Note-se, na produção acima, que a sequência de letras do alfabeto aparece graficamente (do ponto de vista espacial) separada de um “desenho”. É, no entanto, somente a partir do recorte do fragmento “mpa” na sequência sem intervalos de letras e sua leitura enquanto “mapa” pela terapeuta que se estabelece, nesse conjunto, uma diferenciação desenho-letra (a partir da qual o desenho acaba por ser nomeado). Diferenciação essa que, claramente produziu efeito para o menino – a esse desenho seguiram-se outras produções de mapas e recortes da sequência de letras.

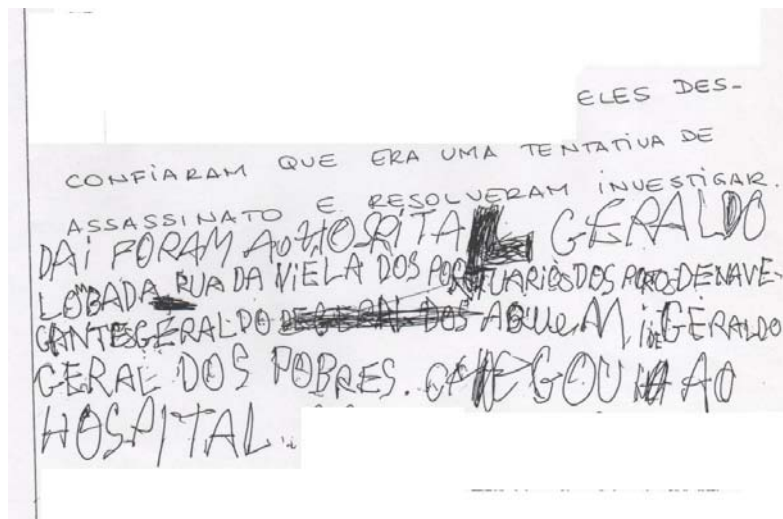
FIGURA 4



A produção acima contém uma série de palavras copiadas de diferentes fontes acessíveis naquele momento (atuff, sportswear, byfibra, yankees), algumas palavras escritas pela terapeuta a pedido do menino (tombo, to cansado, saboneteira e atrás) e palavras escritas pelo menino (tomate e tomais). É interessante notar que o desmanche de unidades fixas - e as possibilidades combinatórias que ele abre - aparece, inicialmente, exatamente sobre o segmento em que aparece uma diferença na reprodução incessante que fazia da sequência de palavras emolduradas que mostrei inicialmente. É “tomate” o fragmento dessa sequência que primeiro perde sua moldura e liberta-se, oferecendo-se ao jogo da equivocidade a partir do qual “tombo”, “tomais” e “tô cansado” se produzem na fala/escrita do menino. Dessa diferenciação/desmanche da unidade sígnica fixa parecem emergir novas possibilidades combinatórias que

permitem, mais tarde, o aparecimento, na produção do menino, de cadeias (o que é bastante diferente da produção de seqüências anterior). Tais cadeias, algumas vezes, apresentam-se num arranjo que desliza metonimicamente e que indicia o aparecimento de uma posição sujeito singular na relação com a escrita, como podemos ver na produção abaixo (trecho de texto de ficção escrito pelo menino e pela terapeuta, em alternância).

FIGURA 5



[DAÍ FORAM AO HOSPITAL GERALDO LOMBADA RUA DA VIELA DOS PORTUÁRIOS PORTOS DE NAVEGANTES GERALDO DE ~~GERALDOS~~ DOS AQUEM (“Alckmin”) I DE GERAL DOS POBRES. CHEGOU AO HOSPITAL]

Em época bastante próxima, no entanto, algumas produções do mesmo menino chamam atenção por sua diferença em relação a essa escrita acima registrada, cuja superfície é pressionada e vazada por outras cadeias. Vejamos a produção abaixo.

FIGURA 6



Interessa notar, na produção acima, diferenças significativas em relação à produção apresentada na Figura 5: melhor qualidade do traçado e presença de restrições morfo-sintática-textuais (trata-se aqui de um texto com superfície estabilizada, muito diferente da evasão metonímica que se pôde observar no episódio anterior). Essas diferenças parecem estar determinadas, pelo menos em parte, pela condição de produção do texto: a tarefa de escrita contava aqui com uma separação nítida desenho-escrita já dada (até mesmo pela moldura fornecida pelos “balões” das histórias em quadrinhos) e a posição discursiva a ser ocupada não é a de um narrador “extraposto” à cena mas, sim, daquele que registra falas de outros em discurso direto numa cena presente.

O que procurei mostrar, com a apresentação e breves comentários do material clínico, é que os cruzamentos entre fala e escrita são imprevisíveis e múltiplos, mas têm algo em comum: eles são promovidos sob o regime do equívoco e não de correspondências analógicas. De fato, como diz Saussure, o suporte tangível (sonoridade ou grafia) é “matéria que a língua põe em jogo” (SAUSSURE, 1916/69, p. 137). Essa perspectiva viabiliza uma abordagem particular da relação criança-fala-escrita – relação em que se podem apreender cruzamentos e rearranjos que iluminam o caráter de equivocidade do *jogo significante* e a fugacidade das unidades produzidas nos espelhamentos mútuos entre a materialidade sonora e gráfica. Aponta, ainda, para um modo de relação singular de cada criança com a escrita – singularidade esta, que, como vimos nos casos aqui discutidos, deverá estar implicada na interpretação que o clínico de linguagem dá às produções da criança e, conseqüentemente, no manejo do caso. Para tanto, parece-nos fundamental reconhecer que a Psicanálise nos oferece uma chave de leitura preciosa para a abordagem dos casos de leitura e escrita ao apontar para a necessidade, no processo de aquisição da escrita, do recalque do aspecto pictórico da escrita e para o fato de que esse processo está imbricado à dramática edipiana. Essa chave, no entanto, deverá ser utilizada pelo clínico de linguagem, como aquela que permite a abertura – e não o fechamento explicativo - de questões.

Referências bibliográficas

Lier-DeVitto, M.F. & Andrade, L., Considerações sobre a interpretação de escritas sintomáticas de crianças, *Estilos da Clínica*, n. 24, PP. 54-71, 2008.

Pommier, G., *Nacimiento y renacimiento de la escritura*, Buenos Aires, Nueva Visión, 1993/1996.

de Saussure, F., *Curso de Lingüística Geral*, São Paulo, Cultrix, 1916/1969.